

# *A Árvore Generosa*, de Shel Silverstein: a Natureza como dádiva

Carlos Nogueira\*

## RESUMO

A brevidade do texto deste livro, que em muitas páginas apresenta frases, orações ou sintagmas constituídos apenas por duas, três ou quatro palavras, e o despojamento das ilustrações de uma árvore e de um menino, que se transforma em adolescente, jovem adulto, adulto e sénior abandonado e solitário, amplificam o que em si mesmo é maior, mas na nossa sociedade é muitas vezes menorizado ou simplesmente esquecido: a árvore e a sua vocação para uma entrega maternal e salvadora ao ser humano.

No mercado editorial português, cada vez mais atento à relevância económica dos livros destinados à infância e à juventude, há traduções de obras cuja temática é também a da relação entre a literatura e a natureza enquanto universo de origens de que o ser humano não se tem apenas alheado: devem-se igualmente à acção do «bicho da terra tão pequeno», na sugestiva fórmula de Luís de Camões n' *Os Lusíadas*, a destruição progressiva da Terra, a extinção de inúmeras espécies e o conseqüente desequilíbrio ambiental.

É o caso da narrativa, muito breve mas densa e intensa, *A Árvore Generosa*, do norte-americano Shel Silverstein (tradução de Miguel Gouveia, Figueira da Foz, Bruaá Editora, 2008. 1.ª ed. original, 1964. Sem numeração de páginas). A fórmula de abertura «Era uma vez uma árvore...», que ocupa uma página e dialoga com a imagem a preto e branco de uma árvore que tem por sua vez a exclusividade da página seguinte, dá desde logo ao texto um *enraizamento* ético que é confirmado imediatamente a seguir: «que amava um menino». A sobriedade da sintaxe discursiva e pictural da obra tem a ver com a própria *verticalidade* da árvore, consciente do seu destino trágico de responsabilidade e de salvação do menino e do mundo. História de uma árvore e de um menino que é a História da relação entre o ser humano e as árvores, esta narrativa resume ainda o destino de cada um de nós: expõe-nos uma cronologia e uma temporalidade interior que não

---

\* Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa – Instituto de Estudos de Literatura Tradicional.

queremos aceitar. Daí também o valor deste livro, que abre uma cortante perturbação espiritual em consciências habituadas a viver na sociedade do espectáculo: o menino cresce, torna-se num adulto apressado que quer constituir família, aparece mais tarde desalentado e à procura de uma salvação («– Estou velho e triste demais para brincar – explicou o menino. Quero um barco que me leve para bem longe daqui. Podes dar-me um barco?»), e por fim envelhece tanto que o seu único desejo é descansar: «– Já não preciso de muita coisa – acrescentou o menino. Só de um lugar sossegado onde me possa sentar e descansar. Sinto-me muito cansado. – Pois bem – respondeu a árvore, endireitando-se o mais possível. Um velho toco é óptimo para te sentares e descansar. Anda, menino. Senta-te. Senta-te e descansa.»

A árvore, que chama ao velho *menino*, e o narrador, que continua a chamar ao toco *árvore*, têm por conseguinte um discurso ético: traduzem a essência da pessoa e da árvore, não a sua exterioridade, integrando-se a crueza das ilustrações e a melancolia do texto no luto que a literatura proporciona; o luto da nossa imagem de decadência presente e futura ou da imagem de declínio, projectada ou já real, dos que nos rodeiam. Preside à representação pictural do menino *velho* uma poética expressionista, um sentido trágico da vida que é comunicado ao leitor e espectador através de elementos somáticos (a inclinação do corpo, os gestos lentos, a pele enrugada, o olhar dolorido) e do seu reflexo na interioridade da personagem (cuja angústia e sentimentos de queda, horror e morte são em parte vivenciados pelo leitor, que, por momentos, há-de sentir-se espectador e agente de um psicodrama conatural à realidade humana).

Da relação de equilíbrio entre a palavra e a imagem vem um efeito cinematográfico que tornará esta obra literalmente inesquecível para a maioria dos leitores. A estética do grito e do grotesco das ilustrações e a função emotiva da linguagem, nas últimas sequências, são um convite a uma reflexão existencialista que o leitor adulto, especializado ou não em certas áreas como a psicologia ou a pediatria, poderá considerar impróprio para o espírito dos mais novos. Mas nada mais impróprio para o enriquecimento interior e humanista dos mais pequenos do que a cultura do lúdico pelo lúdico que impera na nossa sociedade. E, todavia, a mensagem final do livro, sem deixar de ser dilacerada e dilacerante, é de apaziguamento: o menino-velho, sentado na árvore-toco e esboçando, na penúltima imagem, um sorriso de agradecimento e esperança, parece restituir à árvore-toco a dignidade que ele próprio, com inconsciência e egoísmo, lhe havia roubado.

A morte consentida da *árvore generosa* é uma contracção do mundo; a sua disponibilidade incondicional para as solicitações do menino, com quem interage primeiro em harmonia e depois em perda, é uma lição de vida que o jovem leitor poderá evocar em qualquer momento. Rodeado de mobílias, de uma infinidade de objectos úteis e inúteis que dizem histórias trágicas de árvores como a desta *árvore generosa*, ele quererá unir-se ao corpo do mundo plantando a sua ou as suas árvores que homenageiem e façam ressuscitar as árvores sepultadas sob a superfície das aparências mundanas do quotidiano; interiorizará dinamicamente que é tempo de se ultrapassar a incapacidade de assumir a Natureza, de que a árvore é ícone maior, como essência do mundo e do ser; e, quando adulto, lembrar-se-á talvez da inocência perdida do menino do livro *A Árvore Generosa*, que «amava aquela árvore» e mesmo assim permitiu que as circunstâncias não só o afastassem dela como implicassem a sua mutilação (mas não a sua inutilidade absoluta, como se vê no desfecho, que acaba por ser desconcertante e eticamente enriquecedor).

Este é um livro – uma biografia da Árvore – que as crianças mas também os adultos de todas as idades deveriam ler, sobretudo aqueles que não vêm na Natureza mais do que uma fonte inesgotável de recursos e um depósito para todos os tipos de lixo. Breviário ecológico e humanista que coloca em primeiro plano a culpa do ser humano perante um Ser (a árvore) que é a *vida* do mundo, esta obra ensina que a aventura humana não pode fazer-se senão dentro da aventura da Natureza, que deve ser o único Império ou o Império dos impérios de um bicho-homem naturalista e espiritualista, telúrico e místico, justo e bom.